

Jornal de Notícias | Diário de Notícias | TSF | Dinheiro Vivo | O Jogo | Motor 24 | Men's Health | Evasões | Volta ao Mundo | NM | N-TV | Delas

CLASSIFICADOS | ASSINAR QUIOSQUE | RÁDIO



COLEÇÃO  
**LISBOA ANTIGA**  
DN

OFERTA DE UMA IMAGEM  
TODAS AS SEXTAS, SÁBADOS E DOMINGOS

Sexta-Feira | 22 de setembro de 2017 | 00:58 | Fundado em 29 de dezembro de 1864



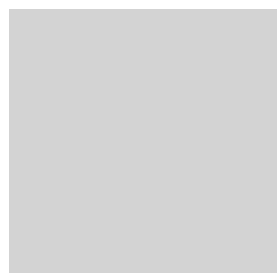
Opinião



## O comunitarismo, antecâmara do terrorismo

25 DE AGOSTO DE 2017  
00:00

Dantas Rodrigues



31 PARTILHAS



ENVIAR POR EMAIL



IMPRIMIR

OPINIÃO

DANTAS RODRIGUES

Os nossos proverbiais brandos costumes, aliados a uma natural, ingénua e velhíssima crença de que contamos com o apoio da Divina Providência, leva-nos a olhar com pouco rigor, quiçá até displicência, para uma política de segurança interna assente nos excecionais perigos que a Europa atualmente atravessa.

Ao invés de Espanha (Madrid, 2003, quem se lembra já? E agora Barcelona e Cambrils), a ameaça terrorista em Portugal ainda não teve manifestação visível, embora pertençamos ao mesmo espaço geográfico outrora conhecido por Al-Andalus (711-1492), e que os terroristas do Daesh planeiam reconquistar. O índice de criminalidade pelas nossas paragens é baixo, mas com o ocorrido agora na cosmopolita Barcelona, a pachorrenta Lisboa passou a ficar mais à mão do terrorismo islâmico.

Dada a proximidade geográfica e simpatia histórica por Barcelona (foi graças ao levantamento da Catalunha em 1640 que Portugal se tornou independente de Espanha), é praticamente impossível não nos sentirmos ameaçados, o que fará que doravante olhemos para todos os muçulmanos com ainda mais desconfiança e, muito legitimamente, de resto, sintamos mais insegurança ao passar por eles na rua ou nos transportes públicos, esquecendo desse modo que muitas famílias muçulmanas mais não são do que portugueses maioritariamente oriundos de Moçambique e da Guiné-Bissau.

Mas o facto de se tratar de portugueses de religião islâmica não chega para nos tranquilizar, muito menos é reconfortante. Tanto quanto sei, a nacionalidade "ocidental" dos terroristas não tem sido impeditiva dos seus atos abomináveis. Há franceses, há espanhóis, há ingleses, há de tudo e de todo o lado entre os terroristas.

PUB

14/09 a 03/10/2017



VER MAIS >>

Promoção válida numa seleção de sofás. Exclusivo para membros IKEA FAMILY e IKEA BUSINESS. Válida nas datas indicadas e em todas as lojas, exceto online. Vale válido por 180 dias a partir do dia seguinte à compra, exceto loja online, Restauração, Serviços e Cartão Presente. Desconto limitado ao stock existente e artigos assinalados, não acumulável com outras promoções.

Para mais, e para não fugir à regra, Portugal acolhe muçulmanos de outros países, nomeadamente Indonésia, Marrocos, Argélia, Paquistão, Iraque, Afeganistão, Índia e Bangladesh, o que faz que existam atualmente cerca de 60 oratórios, dos quais pouco ou nada se conhece. Por isso, ocorre-me a seguinte pergunta: destes tais 60 oratórios quantos deles praticam o salafismo, corrente que defende uma interpretação literal do islão, pugna pela instauração da sharia universal e eterna, e defende o regresso ao modo de viver dos tempos de Maomé, rejeitando qualquer renovação religiosa?

Na Catalunha, cujo número de habitantes é sensivelmente o mesmo de Portugal, há 79 oratórios e um em cada três segue doutrina salafista. Para quem está menos familiarizado com as diferentes leituras do Corão, foram seguidores desta corrente fundamentalista que estiveram nos atentados de França, Alemanha, Bélgica e, agora, Barcelona e Cambrils, comarca da região de Tarragona. A Europa comunitária conta no seu seio com várias ramificações do salafismo, a maioria das quais proveniente do Magreb.

Os autores dos atentados são jovens desestruturados, com escassos conhecimentos do Corão, que lhes são inculcados por imãs fanatizados. Esses jovens ambicionam viver num sistema islâmico idealizado, para isso acreditando que, com a morte, ascendem ao céu onde os seus atos violentos são devidamente premiados com uma vida folgada e eterna no paraíso.

O que sabemos sobre essas comunidades residentes no nosso país? A que negócios se entregam? Que doações financeiras fazem ou recebem? Que amigos acolhem? A que países se deslocam e por que motivos? Quem são e o que fazem os familiares que do estrangeiro vêm a Portugal para os visitar? Apesar de tantas perguntas, só consigo encontrar uma resposta: sabemos muito pouco ou quase nada! E isto pela simples razão de que as novas comunidades residentes já praticamente não mantêm grandes laços com Portugal, movendo-as apenas o interesse em conseguir um visto de residência que lhes proporcione a obtenção de um tão almejado cartão do cidadão, por via do qual poderão enfim adquirir passaporte. E como se a perda de laços com Portugal não bastasse, com a recente entrada em vigor da lei da nacionalidade facilitou-se ainda mais a obtenção da nacionalidade, deixou de ser obrigatório fazer prova de português, presume-se o conhecimento da língua.

A nova lei da nacionalidade vai permitir ao zagal nepalês, à cartomante cingalesa, ao bufarinheiro paquistanês, ao amolador afegão ou ao talhante usbeque requerer com agastamento e sobranceira o seu documento de identidade português, já que para o conseguir nem sequer já os obrigam a balbuciar umas simples palavras no idioma do anfitrião, nem tão-pouco a saber o mínimo dos valores que ele defende, da religião que ele pratica ou da cultura que é a sua. Sem esses sinais mínimos de urbanidade e de respeito pelo próximo, apenas poderá vingar o comunitarismo, antecâmara de todo o terrorismo, seja ele ideológico seja ele bombista. E contra isso a tão nossa crença na Divina Providência nada pode.

*Sócio Partner da Dantas Rodrigues & Associados*